



FATAF
Faculdade de Tecnologia e Ciência do Alto Paraiba

IGGOR DETONI

**O RECURSO SIMBÓLICO NA LITERATURA
E NA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA**

COLATINA

2023

IGGOR DETONI

**O RECURSO SIMBÓLICO NA LITERATURA
E NA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito de aprovação
para a obtenção do título de Especialista
em Psicanálise Clínica da Faculdade de
Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba -
FATAP.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Baunilha

COLATINA

2023

RESUMO

A psicanálise, desde de seu princípio, formula sua teoria acompanhando os desenvolvimentos clínicos, inclusive a sintomática dos quadros que chegam aos consultórios. Este trabalho é um ensaio a respeito do mal-estar que chega nos settings contemporaneamente e o que ele tem a dizer acerca do tecido social em que os sujeitos se constituem. Utiliza-se, também em consonância com os esforços teóricos de outros psicanalistas, os recursos artísticos para pensar essa mesma tensão entre o sujeito e as demandas sociais. Colocamos em observação a arte - em especial a literatura - para questionar a maneira como as narrativas que fazemos ou não fazemos podem ser uma ferramenta clínica no manejo e na transformação deste mal-estar.

Palavras-chave: Psicanálise; Clínica; Literatura; Narrativa.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise surge, no início do século XX, a partir da proposta de Freud e Breuer de um tratamento da histeria, o estudo de sua etimologia e dos processos psíquicos em jogo na cena do adoecimento. A matéria e a prática nascem então num contexto que se propõe a pensar o adoecimento histérico como um sintoma social que colocaria em jogo a construção do aparelho psíquico, os desejos inconscientes e a dinâmica conflituosa sob a qual aquelas mulheres adoecidas se constituíam. No seu *Mal-Estar na Civilização*, Freud dobra essa aposta de pensar o conflito fundador do aparelho psíquico enquanto condição da vida em sociedade.

Construindo-se teórica e clinicamente ao mesmo tempo, a psicanálise se propõe a pensar o sintoma como uma formação de compromisso realizado dentro deste jogo conflituoso. Os conceitos contemporâneos da psicanálise buscam seguir um caminho parecido, partindo de uma análise clínica das demandas e da sintomatologia que batem às portas dos consultórios e de uma leitura atenta do mal-estar psíquico relacionado à história do adoecimento mental, que tem uma virada notável a partir dos anos 70 é marcada por uma hipermedicalização no âmbito psiquiátrico.

No Brasil, autores como Kehl e Cattapan vão localizar esse sintoma no aumento dos casos de depressão, alvo principal desta medicalização. Maria Rita Kehl (2009) e suas pontuações sobre o silenciamento simbólico como sintoma de uma vida acelerada metropolitana e uma demanda incessante do Outro de gozo e consumo, veiculado por mídias de publicidade, e de acesso rápido, instantâneo e incessante, como as redes sociais, implicam uma produção constante da própria imagem. É como se ao invés do espelho lacaniano¹ estivéssemos em um daqueles brinquedos de parque em que são diversos espelhos, contorcidos por interesses institucionais, mercadológicos e políticos, atravessando centenas de discursos que se contradizem de maneira rápida, direta, imperativa, na velocidade da luz e na palma de nossas mãos.

Já Cattapan, em seu artigo intitulado “Crianças Desinvestidas”, argumenta:

“Do ponto de vista da constituição das subjetividades, a valorização capitalista da rapidez, do curto prazo e da imediaticidade, o desprezo pela espera e a conseqüente intolerância aos desprazeres e ao conflito interno transformaram a relação do homem com o tempo. Formam-se subjetividades sempre insatisfeitas quanto ao seu próprio eu, sempre abaixo de suas expectativas de gozo imediato, intenso e frequente, bem como de adaptabilidade a quaisquer circunstâncias. A aceleração e a expansão do capitalismo são, assim, paralelas à aceleração e a expansão de um processo de crescente frustração ou depressão psíquica da sociedade. O desejo não se projeta mais no tempo construído pelas fantasias e sonhos, como pensava Freud (FREUD, 1908e [1907]); ele se projeta compulsivamente no pontual e instantâneo do presente imediato” (CATTAPAN, 2021, p. 110).

Ao retomar as preocupações que Walter Benjamin expressava já no início do século XX, Cattapan vai pontuar a problemática da construção narrativa como uma dificuldade crescente da sociedade moderna. O recurso narrativo, como articulação da associação livre, constitui um momento notável no cenário clínico, cuja afetação se faz fundamental para o estabelecimento do laço transferencial. É a partir desta inflexão que este se propõe a pensar o lugar da arte, associação marcada por Freud desde os primórdios de seus escritos, no locus social deste sintoma contemporâneo.

Enquanto o romance literário se mantém como um recurso privilegiado da narrativa cuja propriedade se mantém do artista, no campo social o que se prolifera são os textos informativos, supostamente neutros e que vêm referenciados de

¹ *'Fase do espelho'* se refere à uma fase constitutiva do ego, segundo J. Lacan, em que a criança antecipa imaginariamente sua unidade corporal e identifica-se com seu semelhante, num processo de desenvolvimento que o organiza.

especialistas. Duas negações advém, de acordo com o autor, deste fenômeno: o da interpretação e o da temporalidade, uma vez que a informação é concreta e neutra, não sendo afetada por intervenção alheia ou pela passagem do tempo.

Vale pensar como a construção das imagéticas pessoais - o Eu-Marca, a identidade enquanto um produto, o imaginário do self - se formam numa complexa trama de introjeção do imperativo violento do Outro, que alcança os sujeitos através desta mecânica informativo-imutável-imediate que ignora a realidade do tempo e da morte, isto é, o trabalho e a vida se confundem numa existência neoliberal onde o produto de si deve ser um eu coeso, apresentável, rentável, instagramável.

Joel Birman, em seu *Mal-estar na atualidade*, se propõe a descrever essa nova configuração psíquica na maneira como os sintomas se apresentam na clínica, partindo do pressuposto que essa falência narrativa implica uma saída da experiência do jogo da temporalização, marcando o imperativo do imediato no campo da espacialização. Essa mudança paradigmática, em uma retomada de Debord e seu *Sociedade do Espetáculo*, marca um momento em que “os laços sociais se restringiriam então ao campo da imagem, de maneira que a cena social se reduziria à retórica do narcisismo (BIRMAN, 2020, p. 55)”.

Tendo como marco a virada das décadas de 70 e 80 acima citada, essa nova modalidade de mal-estar se diferencia pela não centralização do conflito psíquico em jogo nas histerias inicialmente descritas na produção teórica psicanalítica, mas “se evidencia agora como dor, inscrevendo-se nos registros do corpo, da ação e das intensidades (BIRMAN, 2020, p. 65)”.

A sintomatologia consequente dessa virada é a que se mostra nos quadros cada vez mais presentes de fadiga crônica, síndrome do pânico; dos campos da ação e da compulsão (hiperatividade, violência, criminalidade), que posicionam o “agir como imperativo categórico (BIRMAN, 2020, p. 82)”, nas expressões do excesso, da explosividade, da irritabilidade e da delinquência; das compulsões alimentares e das toxicomanias, em consequência de uma experiência de vazio corporal.

Uma característica definitiva é a *passagem ao ato* em primazia substitutiva do *acting-out*, isto é, a temporalidade narrativa da cena psíquica é substituída por um agir impulsivo e empobrecido de registro simbólico. É precisamente este empobrecimento que posiciona o corpo de maneira que “a imobilidade, a informidade e a invisibilidade são suas formas de ser (BIRMAN, 2020, p. 104)”.

Em uma vida de mão-dupla, seria a capacidade de construção simbólica presente no esforço narrativo que se põe em cena em uma psicanálise ou no fazer criativo, artístico e literário que

“(…) em contrapartida, que possibilita a constituição da mobilidade, da forma e da visibilidade na experiência psíquica, inscrevendo a conflitualidade psíquica na superfície corporal sob a forma de encenações e enunciados, então, o embate pulsional sob a forma de retóricas, que se inscrevem no corpo propriamente dito (BIRMAN, 2020, pg. 104)”.

Cattapan, partindo do conceito de sublimação como a capacidade desta simbolização no jogo pulsional e em seu lugar social, faz sua leitura a partir de suas formas mais reconhecidas, a *ciência* e a *arte*: na primeira, estaria em jogo uma posição estética do eu “belo”, isto é, completo, que forma um fechamento narcísico-fálico não muito difícil de ser identificado no discurso científico que atualiza e reatualiza suas evidências em uma busca constante do factual, objetivo, supostamente real; e em oposição, a arte assumiria uma posição estética do sublime, onde esse fechamento é falho. Para o autor, desta maneira

“a criatividade se realizaria num eu da realidade sob a afetação do pulsional. Os recursos que o aparelho psíquico teve à disposição para criar o eu pouco diferem, afinal de contas, dos recursos disponíveis para outras criações, como os jogos infantis e as atividades futuras que os continuam - o fantasiar, a arte e o pensar. Pode-se supor que estas atividades têm o potencial recriador do eu, de remodelá-lo, já que ele nasceu por meio de “técnica” semelhante. Conta, em relação à realização de uma remodelagem, a posição estética do eu.” (CATTAPAN, 2021, pg. 122)

Tendo a criatividade como uma capacidade de enfrentamento desta condição de mal-estar descrito acima através das leituras destes diferentes psicanalistas, levamos essa investigação, agora, para os desenvolvimentos culturais e artísticos, mais especificamente no campo da literatura, para pontuar os desdobramentos criativos frente ao impasse contemporâneo das subjetividades.

2 DESENVOLVIMENTO

A literatura do século XX atravessou o modernismo como um projeto estético disruptivo. Desde o conteúdo social crítico à manipulação da forma, que coloca o fazer artístico sob análise, as obras modernistas fazem o movimento de afirmar a inconclusividade das questões e possibilidades abertas pelo projeto estético do modernismo, seja no seu fracasso no âmbito social no início do século, ou pela retomada de força de algumas de suas intenções estéticas formuladas no gérmen do projeto.

Se o modernismo já pode ser considerado um projeto estético cujos esforços para questionar o *status* do gênero literário, uma hierarquia do belo, a própria ideia ficcional e de representação biográfica foram bem sucedidos, o caminho iniciado por Proust e que atravessa nomes como Joyce, Woolf, Duras, e desemboca nos esforços autoficcionais que reconhecemos hoje como padrão para um tipo literário do século XXI, seu projeto foi bem sucedido. O Nobel de Annie Ernaux, em 2022, estabeleceria a prova incontestável desta teoria que desenhamos.

Essa nova “literatura do eu”, que de nova não tem nada, como o projeto modernista nos demonstra, se mostra um campo privilegiado para análise da afirmação realizada por Cattapan e que citamos acima: a de que a criação literária como sublime-sublimação é um projeto estético que se mostra bem sucedido no esforço de remodelar o eu.

Sobre o modernismo, Cattapan afirma que “o que vai diferenci-lo do romantismo será o abandono da utilização da criatividade como meio de transcendência. Agora, a arte se afasta radicalmente de valores como Deus, a razão, o belo ou o Absoluto.” (CATTAPAN, 2021, p. 67).

“A “tática” da obra aberta, inacabada é um ótimo exemplo da vontade modernista de contato entre o artista e o público, uma tentativa de compartilhamento da criatividade com o outro, que sai de sua passividade nesse processo. Tenta-se destituir o artista do lugar de único porta-voz da criatividade humana e restituir o viver criativo no fruidor. O modernismo será, de fato, um grande assalto e uma demanda à modernidade que incorpore à sua organização cada vez mais possibilidades criativas (CATTAPAN, 2021, p. 68)”.

Outro autor modernista cujas contribuições podemos relacionar ao fazer e a criação é W. G. Sebald, cuja obra consiste em uma colagem de diversos ensaios, atravessando gêneros literários e matérias científicas diversas em um esforço literário

que culmina em um livro, objeto material artístico caracterizado pela abertura da obra para uma interpretação à posteriori cujo valor é caracterizado por um deslize, a partir da criatividade do sujeito que o encontra. Desta forma, Coutinho Jorge caracteriza o esforço artístico de apontar para A Coisa e não um fechamento imaginário de um sentido dado, à revelia do movimento pulsional.

Em uma das viagens narradas no livro de Sebald, o narrador encontra um homem que tem se empenhado há anos em reconstruir o Templo de Jerusalém² em miniatura. O empreendimento colossal havia se tornado, ao longo do tempo, um ponto turístico e ponto de adoração espiritual. O que segue é um ensaio sobre o trabalho, a arte e a criação:

“Em última instância, todo o nosso trabalho se baseia exclusivamente em ideias, ideias que não param de mudar no curso dos anos e que muitas vezes levam a pessoa a demolir aquilo que considerava como já concluído e começar tudo de novo (...) O templo, disse Alec Garrard ao deixarmos seu ateliê, durou somente cem anos. Perhaps this one will last a little longer (SEBALD, 2010, p. 246)”.

O trabalho do fazer e do criar descrito pelo narrador do livro é um que se faz análogo ao de um analisando: o de fazer cujo sentido à posteriori é uma construção móvel, incerta, isto é, uma aposta. Se pensarmos em uma concepção de saúde a partir de uma flexibilidade pulsional frente aos adventos da vida, como o faz Canguilhem em seu *O Normal e o Patológico*, o que encontramos em uma vida saudável é uma capacidade transformativa e criativa.

Em seu artigo *O Conceito de Autoficção: Demarcações a Partir da Literatura Brasileira Contemporânea*, Anna Faedrich diferencia a autoficção de uma escrita terapêutica, mencionando que a primeira pode prescindir da segunda como recurso. Partindo de autores da literatura nacional, cita Ricardo Lísias (*Divórcio*, 2013, *Céu dos suicidas*, 2012); José Castello (*Ribamar*, 2010); Tatiana Salem Levy (*A Chave de Casa*, 2007). Consideram-se cada vez mais profícuos os empreendimentos da “escrita do eu”, também no cenário nacional.

O fim de Eddy (2018) e *A História da Violência* (2020) são dois romances-exemplos pilares do que se pode chamar de autoficção na literatura contemporânea.

² De acordo com (ROCHA 2007), a destruição de Jerusalém e o aspecto simbólico relacionado à sua reconstrução são uma ferramenta de coesão do povo em diáspora, e traz segurança em aspecto psicológico e, a partir da construção, material.

Seu autor, Édouard Louis, francês, nascido em 1992, traz uma escrita cujos temas abarcam, não muito diferente de Annie Ernaux, os conflitos de classe social, da academia e da intelectualidade, da sexualidade e da violência.

No entanto, é difícil conceber um esforço literário mais cunhado numa necessidade de recriação do eu do que os dois romances acima citados: neles, a recriação do eu enquanto identidade, reconhecimento do *locus* social e capacidade criativa são uma questão existencial da qual depende o manejo da própria vida, a própria capacidade de afirmação do sujeito enquanto ser-vivo.

Em *O Fim de Eddy*, romance em que Édouard Louis vai narrar a infância em uma pequena cidade operária no norte da França, há um autor-narrador-personagem que cresce em dissonância com as expectativas de uma performance hiper masculina e violenta.

O apelido, que naquele contexto “era hereditário” (LOUIS, 2018, p. 117), *Bellegueule*, “rosto bonito” é assumido como marca de diferenciação que transita em dois pontos no tempo narrativo: o desamparo frente às violências sofridas na infância, no seio familiar e no ambiente escolar; e o desamparo de uma desterritorialização, da mudança de classe social, de nome e de vida.

O livro constrói a narrativa de um protagonista que usa a ascensão acadêmica e a intelectualização como mobilizador social através da culpa que o acompanha nessa jornada. Neste sentido, a obra é carregada de temas similares aos de Annie Ernaux, quanto à ascensão social e intelectual, do avanço do capitalismo e da aceleração mercadológica do estilo de vida na França, em obras como (*O Acontecimento*, 2010) e (*Os Anos*, 2008).

Cronologicamente, podemos identificar uma sequência que leva deste primeiro romance ao próximo, “*A História da Violência*”, obra marcada por uma escrita direta e uma narrativa de colagens: Louis narra um episódio de violência em que foi agredido, estuprado e assaltado numa noite de natal. A narrativa tensiona o que é contado pela irmã ao cunhado, o relato do crime na delegacia de polícia e no exame de perícia médica e as intervenções do narrador, que escuta a reconta a história.

Através deste mecanismo narrativo, o autor usa como recurso uma parte da violência que é comumente ignorada e pautada no manejo do sofrimento frente às instituições, isto é, a revitimização³ para elaborar uma repetição da história através de

³ Em um processo judicial, “as inadequadas intervenções do aparato estatal acabam produzindo a revitimização, e até mesmo a destruição de eventuais provas dos fatos imputados ao autor da violência.

um contar em que a violência cujo sentido é um de vazio, o corpo assume o lugar de objeto e a relação com o Outro passa a ser insuportável para a construção de um objeto literário em que o contorno simbólico alcançado por essa narrativa oferece limites, o corpo ganha descrição, o objeto é o livro, a interpretação continua no contato que o Outro vai fazer com essa criação: o livro é feito para um leitor.

A revitimização atua como violência instituída numa dinâmica tal qual a do trauma⁴, em um retorno: a “repetição consome a realidade” (LOUIS, 2020, p. 115). porque instaura uma paralisação da fantasia neurótica - após pensar que a arma do violentador era de brinquedo, já sumiu com a arma do registro, não dando contorno simbólico, interrompendo a cadeia significante, desta forma, o real é experienciado com sua característica verve do horrível, do insuportável. A repressão se dá com a impossibilidade da inscrição do horror que retorna sempre.

“(…) pode-se conceber que eu não tenha nem pensado que ele não fosse capaz e que eu não pensasse nada, absolutamente nada, que eu não visse nada desfilar diante dos meus olhos, nem pensamento, nem lembrança, que minhas mãos se aferrassem sozinhas ao cachecol, que fosse uma recusa meramente física da morte. Dizem que a gente não consegue sair da linguagem, que ela é própria do ser humano, que condiciona tudo, que não há nada além, nada exterior à linguagem, que não se pensa antes para depois organizar os pensamentos pela linguagem, mas que não há pensamento senão por meio dela, que ela é uma condição, uma necessidade da razão e da vida humana, se a linguagem é própria do homem, então, durante aqueles cinquenta segundos em que ele me matava, eu não sei o que eu era (LOUIS, 2020, pp. 98-99).

A repetição⁵ do não-dizível, daquilo cujas capacidades de processamento psíquico são da ordem do insuportável, posiciona o sujeito na condição de desamparo que caracteriza o mal-estar supracitado. Os registros do corpo (cheiro, angústia corporal), da intensidade (a pressa, raiva, ansiedade e cansaço) e a passagem ao ato

A vítima tem de se submeter às diversas situações que novamente a envergonham e humilham, a repetição da descrição dos fatos em função do contraditório e da ampla defesa.” (SANTOS, 2010, p. 45).

⁴ "Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. Em termos econômicos, o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente essas excitações.” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2022, p. 522).

⁵ A repetição é um "(...) processo incoercível e de origem inconsciente pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade. ...) É referida fundamentalmente ao caráter mais geral das pulsões: o seu caráter conservador (LAPLANCHE, PONTALIS, 2022, p. 83)".

(mania pela limpeza, pela fala) caracterizam o sofrimento retratado, de maneira que o registro simbólico só é possível a posteriori, na elaboração que constitui a criação da narrativa em si (de si) no livro - com o recurso da narrativa do Outro, como sempre é, aqui representada na figura da irmã, do médico, e nas figuras dos policiais e dos amigos.

Tal esforço realizado na segunda obra é um que vai de encontro com o aspecto criativo da narrativa de uma psicanálise, tal qual citada no início deste artigo. Uma vez que a criação da narrativa de si é o trabalho fundamental de uma superação do mal-estar engatilhado pela vivência do traumático (a violência), que coloca o autor-personagem-narrador em um estado de desamparo tal como é definido por Birman.

O que marca uma grande diferença aqui, quando dizemos da não construção de uma cena na passagem ao ato, é a ausência de uma narrativa. Se as histéricas sofriam da rememoração, seus sintomas carregavam toda uma história que ao ser atuada toma forma e corpo, literalmente. O mal-estar contemporâneo que Birman descreve se caracteriza principalmente por essa não inscrição simbólica, isto é, pela ausência de uma narrativa pessoal que toma forma em discurso. Assim notamos a falência do lugar privilegiado que Birman denuncia nas categorias da linguagem e do pensamento nestes adoecimentos

As capacidades nas quais o tensionamento da criatividade enquanto modo de ser existencial que atravessa o que a saúde mental chamaria de “territorialidade⁶” e o que a psicanálise coloca como recurso fundamental para a construção de uma narrativa de si, de um atravessamento pulsional do campo simbólico são colocadas em jogo de uma forma quase elucidativa da proposta do próprio manejo clínico psicanalítico frente ao adoecimento contemporâneo que Birman nomeia na mesma obra: o desamparo.

Existe uma assertividade quanto ao reconhecimento das matérias da psiquiatria e da psicanálise frente ao mal-estar e ao adoecimento que chega aos consultórios no presente. A contemporaneidade é caracterizada por uma diferenciação em relação aos adoecimentos teorizados na capacidade freudiana, e a maneira pela qual Birman os define pode ser pontuada a partir da imago do próprio

⁶ “Devemos entender o território como o lugar onde se realizam todas as ações, paixões, poderes, forças e fraquezas; sendo ele o lugar onde a história do homem se realiza a partir da manifestação de sua existência [...]. O território é o fundamento do trabalho; do lugar da residência; das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2007, p. 14)”.

corpo, isto é, a construção imaginária pela qual são fundadas a identificação e o narcisismo primários.

Este processo fundador do aparelho psíquico se dá através da imago projetada no espelho pelo olhar materno: o reconhecimento da criança, que estrutura seu corpo em unidade e dá forma ao que antes era experienciado como parcial. Essa experiência de identificação com a imagem projetada estrutura o sujeito na categoria de um eu, que possui uma imagem corporal reconhecível.

“Essa construção seria, contudo, muito frágil, ameaçando permanentemente o infante com a fragmentação corporal e psíquica, que se anuncia com o fantasma de um retorno possível à experiência originária de deiscência corpórea. Forma-se-iam assim os diferentes fantasmas do corpo fragmentado, que povoariam posteriormente o imaginário humano na experiência da angústia. Fica evidente com isso como o psiquismo seria originalmente espacializado, sendo uma unidade tecida em torno de uma imago que pode se fragmentar, contudo, a qualquer momento, desde que o infante não seja reconhecido pelo outro (...) (BIRMAN, 2020, pp. 108-109)”.

Se posicionamos a inscrição no simbólico como a entrada no jogo simbólico a partir do Complexo de Édipo, seria à um estado anterior que a fragmentação do eu levaria o sujeito frente à uma experiência de mal-estar cuja sintomática e a experiência traumática podem levar ao estado descrito de adoecimento. A construção simbólica através da narrativa seria então o caminho para uma reconstrução do eu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos pensar a sublimação⁷, na perspectiva lacaniana do termo, para elucidar o ato criativo literário como resposta a um certo tipo de violência traumática, tal qual se apresentam as obras de Édouard Louis.

Na sistematização lacaniana, a sublimação não preencheria uma falta instituída pelo real (seja ela numa experiência fundadora ou no encontro com o real violento,

⁷ A sublimação referencia, ao mesmo tempo, o sublime da produção artística e o processo químico de transição de estado da matéria. É usado por Freud para designar "de um ponto de vista econômico e dinâmico" aquelas atividades cujo desejo motor não tem um objetivo sexual aparente, e que são de grande valor e reconhecimento sexual. De acordo com Laplanche e Pontalis, "é numa transformação das pulsões sexuais que Freud procura a causa última desses comportamentos", sem, no entanto, ter demonstrado "concretamente em ação" sua importância no resultado do tratamento (LAPLANCHE, PONTALIS, 2022, p. 496)".

em uma experiência traumática) que não se inscreve, mas na realização desta própria impossibilidade - com uma criação que se faz na via do desejo, uma pulsão de vida, de ordem simbólico-imaginária. Seria, desta forma, um contraponto da paralisação demonstrada pela experiência da pulsão de morte que visa um cessar da vida. É, justamente, o próprio resultado da fluidez pulsional.

Desta forma, a realização artística enquanto ato de sublimação é um ato possível para essa pulsão, um desvio criativo. Se pensamos os sintomas repetitivos como uma expressão sintomática da pulsão de morte, a criação, com os recursos particulares da escrita literária, neste caso, é uma solução criativa, inovadora, vital.

“Assim, a vivência real do bebê, vivência dolorosa de separação da mãe, sofrida passivamente, passa a ser, pela entrada em cena da linguagem, vivenciada de modo ativo. A linguagem é, desta maneira, enquanto substituição do real inefável, uma possibilidade de atividade para o sujeito e, o que era vivência passiva imediata, passa a ser vivido ativamente com a mediação da linguagem. Dito de outro modo, a subjetivação das vivências depende do processo de simbolização que a linguagem permite e que está no próprio cerne da experiência psicanalítica (JORGE, 2005, p. 91)”.

Dentro da perspectiva lacaniana, é justamente a capacidade humana de linguagem que dá a fruição para a tendência ao estado inorgânico que caracteriza a pulsão de morte, uma vez que, sendo este o momento evolutivo que permite ao ser humano se reconhecer enquanto ser vivo, finca também o reconhecimento consequente, o “além-vivo”, almejado pela pulsão de morte.

Se a pulsão de vida, nesta perspectiva, se aproximaria do registro imaginário, em uma função biológica e instintual (o ato reprodutivo da espécie), então a pulsão de morte, cujo mote é cravado na inscrição da linguagem, isto é, no registro do simbólico, tem como função a repetição da cadeia associativa, no melhor dos casos. No pior, um traumático não simbolizado que estaria no registro do real.

O real não se inscreve, e, desta forma, o “ser” do humano é insistentemente faltoso. Se o reconhecimento do ser é pela fala, e a linguagem não o alcança, este “é” pela falta fundamental: “é” porque “fala” - e sabe que é. Mas a fala nunca alcança o real do ser. O desamparo do ser incompleto, através do registro simbólico, ou seja, do Outro, reflexo, forma a identidade imaginária do “eu”, estruturando o aparelho psíquico.

Uma expressão artística representativa desse movimento foi o de Marcel Duchamp (1917), que conseguiu “elevanto o objeto cotidiano ao estatuto da Coisa, da obra de arte” (JORGE, 2005, p. 156).

De acordo com Coutinho Jorge, que utiliza desta hodierna cena da história da arte moderna, o *urinol de Duchamp*, para demonstrar a maneira como a obra de arte e o aspecto criativo se relacionam com uma solução do compromisso desejante e um desvio pulsional possível. Tal potencialidade demonstra-se nas próprias descrições críticas do advento da exposição de Duchamp, uma vez que “a obra de arte aponta para o vazio da Coisa, mas ela não é a Coisa, que está fora do campo do representável (JORGE, 2005, p. 157)”.

Desta forma, a própria falta que caracteriza o objeto a lacaniano torna-se reconhecida não como problema solucionável, mas como angústia fundadora do desejo na estrutura que forma no sujeito.

A pulsão, em suas vicissitudes, encontra na sublimação a forma-objeto de um livro, no caso de Édouard Louis, sem solução definitiva que visa aplacar a angústia existencial que é apresentada como problema na narrativa (outras obras que abordam questões de violência sexual, à ver, *I May Destroy You*, de Michaela Coel (2021) encontram soluções parecidas para sua conclusão, recurso que Coutinho Jorge já reconhece em Da Vinci, inclusive nas obras utilizadas na análise que Freud propõe deste em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910).

Ainda no tema na grande virada modernista, Cattapan destaca Van Gogh como um artista que ilustra o rompimento total com o naturalismo e o realismo a partir da percepção da criação artística como um trabalho.

“A criatividade aparecerá, em sua correspondência com seu irmão Théo, como sinônimo de vida, mas não de uma vida plena. Para o pintor holandês, a vida é um perigoso conflito, a luta para não morrer, trabalho que não nos levará a nenhuma transcendência, mas sim à sobrevivência do corpo e à construção de uma obra e de um estilo próprios. A arte moderna não buscará mais a vitória final, mas sim o incessante “fracasso transformado em pressão” por produzir algo novo (CATTAPAN, 2021, p. 70)”.

Desta forma, observa-se que a autoficção se afasta mais e mais de um projeto artístico realista/naturalista: a verve da representação da realidade, que levaria o foco à um detalhe, à uma suposta fidedignidade, que representaria a realidade tal como ela é.

O interesse dessas obras - como *Baratas*, de Scholastique Mukasonga; *A Morte do Pai*, de Karl Ove Knausgard; *Sou Sua Irmã*, de Audre Lorde, assim como as de Édouard Louis, estaria no ato criativo que faz da obra um objeto de evocação de um não-senso radical que caracteriza o desejar humano, ao mesmo tempo que se constituem como uma criação simbólica possível, alcançável, material: um quadro, um livro, um mictório. É sua dupla função coisa-vazio que direciona o movimento pulsional desejante, característico de uma pulsão de vida, e em oposição, como já declaramos, à expressão da pulsão de morte, uma imobilidade patologizante.

A essa capacidade, a narrativa, na fala e na escrita, abre uma possibilidade de construção de significado à experiência traumática na medida em que é produto do conflito inconsciente, isto é, passível de apropriação pelo sujeito. Desta forma,

“(...) cabe questionar se haveria a possibilidade de encontrarmos uma palavra que não sofresse, em grau maior ou menor, alguma forma de pressão, de alteração de sentido na dependência da enunciação que o sujeito dela fizer”. (JORGE, 2005, p. 110)

Pois o inconsciente é a linguagem manifesta e falada (e até escrita) na forma resistente como se mostra, através da resistência em sua apresentação, seja no consultório, seja com as tensões do fazer literário, ou seja, na alteração mesmo que constituiria uma narrativa - na autoficção, este seria o momento em que uma fidedignidade com o realismo ficaria para trás, seja por um interesse estético ou por uma construção criativa necessária para a forma ou de qualquer gênero que interesse e justifique o autor: podemos lê-la como resultado de uma tensão inconsciente.

É por isso que a possibilidade de construção de um sentido reside na metáfora, pois a lógica do sentido não é a de associação, como na metonímia. É a de um deslize mesmo do significado (por isso o abandono da intenção realista), que caracteriza uma metáfora.

Em seu ensaio intitulado *Os Personagens Psicopáticos no Palco*, Freud ressalta a potência advinda do recurso poético em sua capacidade de comover o público a partir do mecanismo de um alívio pulsional causado pela emergência consciente de um conteúdo inconsciente identificado com as personagens em cena - este seria o mesmo mecanismo em jogo no chiste, uma vez que há uma expressão do conteúdo inconsciente reprimido de maneira socialmente aceitável.

Podemos argumentar que o mesmo mecanismo está em jogo na identificação gerada pelo projeto literário - se a interpretação da obra, como Proust já afirmava no início do século XX, faz dos leitores “leitores de si mesmo”, ela é possível pelo equipamento artístico através da função do chiste: este estabelece a criação de um locus social possível para o movimento pulsional. Podemos nos perguntar se seria a partir deste fenômeno que pessoas que consomem com frequência maior a arte e a literatura se associarem, quando falamos de um aspecto social, de um pensamento mais liberal.

De acordo com Coutinho Jorge, “a utilização contínua de pares opostos de significação (o chiste) parece ser um dos mais poderosos recursos poéticos da linguagem, sua capacidade de produzir comoção (co-moção: mover junto) consistindo em exibir a estrutura do significante (JORGE, 2005, p. 125)”.

É através deste mesmo mecanismo funcional do chiste (a dupla significação significante, em pares antitéticos, opostos, ou em um deslize metafórico) que está em jogo em uma outra narrativa muito presente na associação livre de um analisando: a narrativa onírica.

A narrativa mítica do sonho é uma forma primitiva de expressão, e o reconhecimento deste sistema narrativo coloca a associação e a interpretação, isto é, o contar o sonho como experiência primeira do sonhar.

Outra contribuição de Coutinho Jorge para pensarmos o objeto a lacaniano é a diferença que este faz entre o que Lacan vai nomear Das Ding e o objeto materno, tão comumente confundidos. O objeto materno seria o primeiro objeto a na história de um sujeito, isto é, em âmbito ontogenético. Já Das Ding se refere a uma condição humana, relacionada a seu aspecto evolutivo e ao desenvolvimento formador da linguagem: a falta-pela-linguagem fundamental, de ordem filogenética. Estes dois âmbitos são radicalmente diferentes, sendo um deles não-inscrito, da ordem do impossível, e o outro da ordem do proibido, inscrito no recalque fundador a partir do complexo de Édipo.

A narrativa de si em análise possibilita uma abertura simbólica para a escolha de objeto do sujeito. De acordo com Coutinho Jorge, “o objeto no campo do simbólico introduz um mínimo de estabilidade na relação que o sujeito mantém com o objeto, mas não basta para estancar o acentuado deslocamento metonímico do objeto do desejo (JORGE, 2005, p. 146)”.

Elucida-se assim que as construções simbólicas em análise ainda são vulneráveis à angústia, que pode levar a um deslocamento à uma outra coisa. A possibilidade dessa flexibilização é uma saída para o estado de desamparo dos sintomas que descrevemos neste artigo. Este mal-estar caracteriza uma estagnação no regime do imaginário, a partir de um imperativo social que tem se constituído com cada vez mais força em um capitalismo neoliberal, e produzido este adoecimento. Nessas condições, afirmamos que o objeto se faz fixo e imutável, de sentido dado e fixado. Esta é comumente a condição em que as pessoas chegam aos consultórios de psicanálise, em busca de uma possível cura.

5 REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio de: Jeanne Marie Gagnebin. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 165 p.

BREUER, J. & FREUD, S. (1893-1895) “**Estudos sobre a Histeria**”. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB].

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Trad.: Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CATTAPAN, Pedro. **Crianças desinvestidas**. INSIGHT INTELIGÊNCIA (RIO DE JANEIRO), v. 75, p. 98-105, 2016.

CATTAPAN, Pedro. **Psicanálise, Criatividade e Depressão: Um estudo sobre as subjetividades na cultura neoliberal**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

CHAVES, E. O Paradigma Estético de Freud. Prefácio. In: FREUD, S. **Arte, Literatura e os Artistas**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

FAEDRICH, Anna. O CONCEITO DE AUTOFIÇÃO: DEMARCAÇÕES A PARTIR DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. Itinerários, **Revista de Literatura**, Niterói, n. 40, p. 45-60, jan/jun. 2015.

FREUD, S. (1908). **Escritores criativos e devaneios**. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, p.145-158). Rio de Janeiro: Imago. 1974.

FREUD, S. (1996d). **Personagens psicopáticos no palco**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 289-297). Imago. (Trabalho original publicado em 1942[1906])

I May Destroy You. Direção: Sam Miller; Michaela Coel. Produção: Michaela Coel; Phillip Clarke. Intérprete: Michaela Coel; Weruche Opia; Paapa Essiedu. Roteiro: Michela COel. Reino Unido; Estados Unidos: British Broadcasting Corporation (BBC); Falkna Productions; Home Box Office (HBO), 2020. Disponível em: <https://play.hbomax.com/series/urn:hbo:series:GXqHggg6FbLeIkwEAAAav?source=googleHBOMAX&action=open>. Acesso em: 9 jun. 2023.

JORGE, Mario Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise.** Trad. Pedro Tamen 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

LOUIS, Édouard. **História da Violência.** Trad. Francesca Angiolillo. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

LOUIS, Édouard. **O fim de Eddy.** Trad. Francesca Angiolillo. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ROCHA, Ivan Esperança. Jerusalém: percurso histórico e simbólico. **Revista Cesumar: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 129-137, jan/jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/251>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SANTOS, Cristiane Andreotti. **O enfrentamento da revitimização de crianças vítimas de violência sexual: o caso da inquirição judicial de crianças.** 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, M. **Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SEBALD, W.G. **Os Anéis de Saturno: uma peregrinação inglesa.** Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.